

## AÇÃO: FRAGILIDADES, REDENÇÃO E RESPONSABILIDADE

*Action: weaknesses, redemption and responsibility*

Nádia Junqueira Ribeiro<sup>1</sup>

**Resumo:** De acordo com a teoria política de Hannah Arendt, os homens, ao agirem, nunca sabem exatamente o que estão fazendo e, portanto, podem provocar algo irreparável que não desejavam. Ou, ainda, nunca podem prever as consequências de seus atos ao agirem. A ação, assim, é caracterizada por Arendt pelo seu caráter processual, sendo imprevisível e irreversível. É nesse contexto que a autora apresenta os remédios para as fragilidades da ação: para a irreversibilidade, o perdão. Para a imprevisibilidade, a promessa. São as soluções apontadas para que a convivência dos homens entre si se torne possível. O esquecimento e a promessa indicados por Nietzsche e as faculdades de perdoar e prometer desenvolvidas por Arendt indicam a vulnerabilidade e fragilidade das ações humanas. Contudo, apesar das contingências e da fragilidade da ação humana, há formas dos homens se redimirem e tornarem a convivência humana possível; para tanto apresentaremos as redenções desenvolvidas por Hannah Arendt para as fragilidades das ações humanas. Há, ainda, uma responsabilidade pessoal a ser construída como uma forma dos homens enfrentarem tais fragilidades. Nietzsche é o autor que nos inspira para construção dessa responsabilidade pessoal.

**Palavras-chave:** Hannah Arendt; Nietzsche; Perdão; Promessa.

**Abstract:** According to the politic theory of Hannah Arendt, once they act, the men never know exactly what they are doing. So, they can induce something irrecoverable which they didn't want to. Or, yet, they can never preveise the consequences of their acts once they act. The action, this way, is characterized by Arendt for its procedural feature, being unpredictable and irreversible. In this context, this author presents the medicines for the action's frailty: to the unpredictability, the forgiveness. To the irreversibility, the promise. These are the solutions pointed in order to the men live together. The forgetfulness and the promise indicated by Nietzsche and the faculties of forgiving and making promise developed by Arendt indicate the vulnerability and fragility of the human actions. However, in spite of the contingences and the frailty of the human action, there are ways to the men redeem and to become possible living together; so we will present the redemptions developed by Hannah Arendt to the frailties of the human action. There's, yet, a personal responsibility to be built as a way to the men face such frailties. Nietzsche is the author who inspires ourselves in the construction of this personal responsibility.

**Keywords:** Hannah Arendt; Nietzsche; Forgiveness; Promise.

### Introdução

Irineo Funes morreu em 1889 de congestão pulmonar. Pacientes que ficam acamados por muito tempo morrem assim. Pode ter sido o caso de Funes, personagem de Jorge Luis Borges. Mas a causa também poderia ter sido sua incapacidade de esquecer. Tal faculdade foi desenvolvida a partir de um acidente, quando Irineo, aos 19 anos, foi derrubado por um cavalo e se tornou um paralítico “sem esperança”. Mas a paralisia

---

<sup>1</sup> Mestranda em Filosofia Política e Ética na Universidade Federal de Goiás (UFG), Bolsista FAPEG.

pouco importou. O que ele considerava, agora, depois da queda, era a incrível capacidade de nada esquecer.

Dezenove anos havia vivido como quem sonha: olhava sem ver, ouvia sem ouvir, esquecia-se de tudo, de quase tudo. Ao cair, perdeu o conhecimento; quando o recobrou, o presente era quase intolerável de tão rico e tão nítido, e também as memórias mais antigas e mais triviais. Pouco depois averiguou que estava paralítico. Fato pouco o interessou. Pensou (sentiu) que a imobilidade era um preço mínimo. Agora a sua percepção e sua memória eram infalíveis<sup>2</sup>.

A infeliz vida de Funes, preso sobre uma cama sem capacidade de mover-se, tornou-se algo agitado; fez dele alguém que vivia sobre constantes calor e pressão. Mas, desconfia o personagem de Borges que narra a experiência de Funes, a incapacidade do paralítico de esquecer pouco tinha a ver com sua capacidade de pensar. “Havia aprendido sem esforço o inglês, o francês, o português, o latim. Suspeito, contudo, que não era muito capaz de pensar. Pensar é esquecer diferenças, é generalizar, abstrair”<sup>3</sup>.

A incapacidade de esquecer intranquilizou a vida de um paralítico. O esquecimento, como sugere o conto, é imprescindível para que a vida não se torne um tormento. Emerge, portanto, como uma faculdade positiva humana. Para alguns pensadores, essa capacidade é introduzida no estudo da moralidade e da política. Para Nietzsche, ao lado da capacidade de prometer, o esquecimento se constitui como um elemento essencial para formação da responsabilidade do homem. Hannah Arendt também se refere à capacidade de prometer – como Nietzsche – mas ao contrário de indicar o “esquecimento” como uma faculdade humana importante para o estudo da moral, a autora alude ao perdão como possibilidade do homem se abrir para o novo.

Hannah Arendt atribui à ação a maior importância entre as atividades dos homens. É a atividade política por excelência, para a autora, por ser a única atividade que depende inteiramente da constante presença dos outros para que possa vir a ser e sequer pode ser imaginada fora da sociedade dos homens. A ação corresponde à pluralidade humana e somente por meio dela o homem afirma sua distinção de outros homens e se mostra singular e único, mas tendo garantida sua igualdade entre seus pares. É por meio da ação e do discurso que o homem se confirma como um ser único no mundo e, por isso, funda e preserva corpos políticos criando condições para lembrança, isto é, para a história.

---

<sup>2</sup> BORGES, 1979, p.477.

<sup>3</sup> BORGES, 1979, p.481.

Contudo, a autora aponta na obra “A Condição Humana” um relevante aspecto da ação: a capacidade de desencadear processos de resultados imprevisíveis. “A incerteza, mais que a fragilidade, passa a ser o caráter decisivo dos assuntos humanos”<sup>4</sup>. Os homens, ao agirem, nunca sabem exatamente o que estão fazendo e, portanto, podem provocar algo irreparável que não desejavam. Ou, ainda, nunca podem prever as consequências de seus atos ao agirem. A ação, assim, é caracterizada por Arendt pelo seu caráter processual, sendo imprevisível e irreversível. É nesse contexto que a autora apresenta os remédios para as fragilidades da ação: para a irreversibilidade, o perdão. Para a imprevisibilidade, a promessa. São as soluções apontadas para que a convivência dos homens entre si se torne possível.

O esquecimento e a promessa indicados por Nietzsche e as faculdades de perdoar e prometer desenvolvidas por Arendt indicam a vulnerabilidade e fragilidade das ações humanas. Isto é, a sorte ou fortuna em grande medida influenciam as ações humanas e, portanto, o campo da ética seria o campo do incontingente: nem tudo está sobre o poder das ações dos homens, mas sempre há algo que lhes escapa. Essa forma de conceber a ética, de maneira anti-kantiana, é desenvolvida por Nussbaum a partir dos estudos das tragédias gregas. O presente artigo parte dessa ideia de que as ações humanas são insuscetíveis ao controle de tudo e de que os agentes, ao conviverem em meio aos outros, desencadeiam processos que lhes escapam do domínio. Contudo, apesar das contingências e da fragilidade da ação humana, há formas dos homens se redimirem e tornarem a convivência humana possível; para tanto apresentaremos as redensões desenvolvidas por Hannah Arendt para as fragilidades das ações humanas. Há, ainda, uma responsabilidade pessoal a ser construída como uma forma dos homens enfrentarem tais fragilidades. Nietzsche é o autor que nos inspira para construção dessa responsabilidade pessoal.

### **1- A vulnerabilidade das ações humanas**

No que diz respeito à vida humana, há o que cabe a nós e há o que cabe ao mundo. É essa a ideia que permeia a obra “A Fragilidade da Bondade” de Martha Nussbaum: que as ações humanas são marcadas pelo seu poder e por aquilo que lhes escapa. Ou seja, tais ações são caracterizadas pela vulnerabilidade à incontingência ou às vontades divinas e que podem conduzir a algum mal. O que significa que certos processos negativos

---

<sup>4</sup> ARENDT, *A Condição Humana*, p.289.

desencadeados por determinadas ações acontecem sem que o agente tenha domínio completo do ato.

Por outro lado, há muita beleza na incontingência que influencia nossas ações. Ancorada em Aristóteles, Nussbaum defende que os bens exteriores são imprescindíveis para uma boa vida; as condições naturais e sociais favoráveis são relevantes para construção da excelência humana<sup>5</sup>. Toda a defesa de Nussbaum da vulnerabilidade das ações humanas, em seu trabalho, é feita a partir do estudo de tragédias. Essas histórias gregas, quando analisadas, refletem quanto as contingências ou vontades divinas têm um grande importância na construção do valor das ações humanas. Contudo, a vulnerabilidade das ações humanas é característico não apenas ao contexto das tragédias gregas, mas estão inseridas em fatos cotidianos.

Que sou um indivíduo que age, mas também uma planta; que muito do que não fiz contribui para fazer com que eu seja tudo aquilo pelo qual eu deva ser louvado ou culpado; que devo constantemente escolher entre bens concorrentes e aparentemente incomensuráveis e que as circunstâncias podem forçar a algum mal; que um evento que simplesmente acontece a mim pode, sem meu consentimento, alterar minha vida; que é igualmente problemático confiar seu bem a amigos, amantes ou ao país e tentar ter uma boa vida sem eles – tudo isso considero não apenas como o material da tragédia, mas como fatos cotidianos da razão prática da vida<sup>6</sup>.

As tragédias gregas, as quais Nussbaum volta sua análise, se ocupam com as infortunas que acometem os humanos e sempre exigem dos agentes boas deliberações, para que as desgraças desencadeadas pelas incontingências ou vontades divinas não se tornem ainda piores. As tragédias expostas pela pensadora mostram que a existência humana, em si, não é uma catástrofe, mas os homens podem cometer excessos em suas atitudes ao tentarem driblar o destino, desafiando os deuses. É justamente esse excesso que caracteriza a tragédia, sendo essa a representação cênica do drama que recai sobre os homens, representado pelos erros que estamos sempre suscetíveis pelos limites de nossa razão. As tragédias mostram pessoas boas fazendo coisas más devido a circunstâncias em que elas se encontram. Há uma situação que apresenta um caminho de escolhas que exige

---

<sup>5</sup> “Cada uma das excelências humanas precisa de recursos externos e condições necessárias. Cada uma também precisa, mais intimamente, de objetos externos que receberão a atividade excelente [...] Há outros valores humanos importantes que repousam na extremidade oposta do espectro da auto-suficiência: acima de todas, as boas atividades associadas à cidadania e ao vínculo político, e aquelas envolvidas no amor e na amizade pessoal. Pois elas exigem um contexto humano particular, e contêm em sua natureza as relações com ele, que é altamente vulnerável e pode facilmente não estar presente” (NUSSBAUM, 2009, p.299).

<sup>6</sup> NUSSBAUM, 2009, p.5.

deliberação do agente. Sua decisão pode conduzir a catástrofes, sem que isso esteja sob seu controle.

A tragédia grega mostra pessoas boas sendo arruinadas em razão de coisas que simplesmente acontecem a elas, coisas que elas não controlam. Isso é certamente triste, mas é um fato comum da vida humana, e ninguém negaria que acontece. [...] A tragédia também mostra, entretanto, algo nada mais perturbador: mostra pessoas boas fazendo coisas más, coisas que, em outras situações, seriam repugnantes ao seu caráter e aos seus compromissos éticos; e fazem essas coisas em virtude de circunstâncias cuja origem não reside nelas<sup>7</sup>.

Admitir as contingências para se pensar os limites das ações humanas nem sempre foi aceito na tradição filosófica pós-kantiana, cujo pensamento defende que nada pode tornar a moral da boa vontade vulnerável<sup>8</sup>. Contudo, esse pressuposto é importante para compreendermos como Arendt admite a importância de se perdoar e prometer como remédios para a fragilidade das ações humanas e como Nietzsche constrói a noção de responsabilidade desse homem que deve esquecer, mas também fazer promessas. Faz-se importante ressaltar que, apesar de admitir-se as contingências ao conceber os limites das ações humanas, o homem é um ser dotado de razão e, somente assim, não estará sempre à mercê da fortuna. Assim, esse ser ainda é capaz de deliberar e escolher e orientar suas ações, apesar de nem tudo estar sob seu controle.

Se é verdade que muito em nós é confuso, necessitado, descontrolado, enraizado no pó e desamparadamente situado na chuva, é também verdade que há algo em nós que é puro e puramente ativo, algo em que poderíamos pensar como “divino, imortal, inteligível, unitário, indissolúvel, sempre auto-consistente e invariável. Parece possível que esse elemento racional em nós possa governar e orientar o restante, salvando com isso a pessoa como um todo de viver à mercê da fortuna<sup>9</sup>.

## 2- Perdão e promessa - a redenção

O conceito de ação em Arendt – um dos mais originais em toda sua obra – guarda uma característica central que se vincula à natalidade. Trata-se de seu aspecto agonístico<sup>10</sup>,

<sup>7</sup> NUSSBAUM, 2009, p.21.

<sup>8</sup> A terceira antinomia apresentada na “Crítica da Razão Pura” introduz as primeiras ideias de Kant acerca da liberdade e como a razão impede que as ações sejam determinadas pelas contingências do mundo. À razão, para Kant, não se aplica a lei dinâmica da natureza que determina regras porque ela não está submetida às condições de sensibilidade. E a ação, por sua vez, está sob o poder da mesma e, conseqüentemente, não pode estar sob as condições do fenômeno. Essas ações, portanto, sempre deverão ser determinadas pela razão, que não é motivada por inclinações, mas tão somente pela razão. Assim, o querer sempre deve ser substituído pelo dever. O arbítrio faz com que o homem queira e seja afetado sensivelmente, mas a liberdade faz com que ele sempre tenha poder de escolher o que deve ser feito, sem inclinar-se às paixões.

<sup>9</sup> NUSSBAUM, 2009, p.2.

<sup>10</sup> Não se trata, contudo, de um aspecto *estritamente* agonístico. Pelo contrário, Arendt argumenta em favor da necessidade de se estabilizar e institucionalizar a ação, inclusive para que seu caráter espontâneo seja

espontâneo. Assim é a ação porque é exercida por seres absolutamente originais e distintos uns dos outros: cada ser que vem ao mundo é único e por não ser constituinte de uma natureza pré-determinada, está invariavelmente fadado a mudar e se reconstituir a partir de suas relações com outros homens. Isso só pode ser possível, para a autora alemã, através dos atos e palavras que imprimem tal modificação. Desta forma, a natalidade é um evento único, pois afirma a vinda de um ser distinto de todos os outros. Se por um lado o nascimento é o que proporciona nosso aparecimento físico e original, é por meio de atos e palavras que nos inserimos no mundo. Somente por meio deles, homens e mulheres podem se mostrar distintos uns dos outros e é mesmo essa a distinção que os torna, de fato, humanos – algo mais do que uma mera espécie animal. A chegada de um novo ser ao mundo é sempre uma promessa de que o curso da História pode mudar, porque “é da natureza do início que se comece algo novo, algo que não se poderia esperar de coisa alguma que tenha ocorrido antes.”<sup>11</sup> Isso não significa, contudo, que basta a *capacidade* de agir e de falar. Para que o homem apareça entre os seus é necessário iniciativa<sup>12</sup>. Sua vida será realmente humana somente se houver a iniciativa, de modo que sua vida seja marcada por discursos e ações, que atualizam a singularidade e que trazem à luz a novidade que surge com seu nascimento.

De um lado, a novidade como característica central da ação é o que confere beleza à humanidade por nos reservar a possibilidade de empreender novos começos; por, cada homem, ser um guardião da boa-nova. De outro não é possível controle absoluto sobre esta atividade, e, por isso mesmo, exige certa coragem para que possa ser exercida. Essa coragem é necessária para que o homem possa assumir o caráter processual da ação, isto é, admitir sua incapacidade de desfazer o que foi feito ou de prever as consequências de suas ações. Esses riscos da ação, isto é, a imprevisibilidade e a irreversibilidade, acabaram por afastar os homens do domínio dos assuntos humanos na era moderna, desprezando sua liberdade e se colocando como vítima diante da ação empreendida por suas próprias mãos. A ação é, assim, o que permite que os homens sejam livres, mas ao mesmo tempo, o que inibe essa liberdade a partir dos processos desencadeados a partir das relações humanas. No entanto, em “A condição humana”, a autora indica que as redensões da irreversibilidade e a imprevisibilidade da ação são, respectivamente, o perdão e a

---

preservado. Isto pode ser encontrado em “*Sobre a Revolução*”, obra na qual ela argumenta em favor da necessidade de uma constituição para vincular os homens e da fundação para estabilizar a ação.

<sup>11</sup> H. ARENDT, *A Condição Humana*, p.222.

<sup>12</sup> Termo latino original: *agere*.

promessa. A primeira faculdade serve para desfazer os atos do passado e abrir possibilidades para novos inícios. Já a segunda obriga os homens a fazerem promessas, servindo como ilhas de segurança em meio a um oceano de incertezas que é o futuro.

O perdão, de acordo com Arendt, nos libera para que possamos continuar a agir no futuro; nos liberta dos limites impostos a uma única ação. Sem ele, os homens estariam presos às correntes das consequências de uma ação. O perdão, desta forma, abre espaço para o novo. Sem ele, o homem não seria capaz de afirmar sua identidade, pois ela estaria limitada a uma única ação – mais grave, aos erros cometidos por ela.

Se não fôssemos perdoados, liberados das consequências daquilo que fizemos, nossa capacidade de agir ficaria, por assim dizer, limitada a um único ato do qual jamais nos recuperaríamos; seríamos para sempre vítimas de suas consequências, à semelhança do aprendiz de feiticeiro que não dispunha da fórmula mágica para desfazer o feitiço<sup>13</sup>.

Ambas as faculdades só podem ser exercidas entre homens, isto é, publicamente, mediante a presença de outras pessoas. O perdão é concebido, assim, de forma diferente do sentido religioso, em que ele se dá no âmbito da vida privada e pessoal. Arendt reconhece que Jesus de Nazaré foi o descobridor do papel do perdão e “o fato de que ele tenha feito essa descoberta em um contexto religioso e a tenha enunciado em linguagem religiosa não é motivo para levá-lo menos a sério em um sentido estritamente secular”<sup>14</sup>. Os ensinamentos de Jesus, para Arendt, não se relacionam estritamente à mensagem cristã, mas vinculam-se a experiências políticas as quais Arendt acusa terem sido negligenciadas ao se aterem tão somente à natureza religiosa das ações de Jesus de Nazaré.

Nessas experiências, por exemplo, é que se explicita que não é somente Deus quem tem o papel de perdoar, mas os homens o devem fazer entre si. Além disso, as experiências de Jesus Cristo explicitam a distinção entre perdão e vingança. O objetivo do primeiro é por fim às consequências de uma ação, de erro ou equívoco. Desta forma, não se caracteriza como uma re-ação, enquanto a vingança provoca uma continuidade na cadeia do processo da ação cometida podendo ser esperada e até calculada. “O perdão é a única reação que não re-age apenas, mas age de novo e inesperadamente, sem ser condicionada pelo ato que a provocou e de cujas consequências liberta”<sup>15</sup>. O perdão, ao dar fim a um ato, permite que o indivíduo que cometeu o delito seja perdoado, mas

---

<sup>13</sup> ARENDT, *A Condição Humana*, p.296.

<sup>14</sup> ARENDT, *A Condição Humana*, p.297.

<sup>15</sup> ARENDT, *A Condição Humana*, p.300.

jamais sua ação será. Assim, perdoar para Arendt não indica esquecimento (no sentido de interdição à memória), mas revela uma crença na capacidade do agente realizar bons atos, apesar de seus delitos. É somente através do perdão que a política pode continuar a fruir. Ela só pode ter continuidade quando há espaço para novos começos, que são possíveis mediante a liberação do agente de seu ato - delito.

Assim sendo, as faculdades do perdão e da promessa são, para Arendt, antes, políticas, na medida em que só podem ser exercidas na esfera pública. Tais faculdades, portanto, dependem da pluralidade para que possam vir a ser, porque não podem se dar no isolamento ou solidão, pois “ninguém pode perdoar a si mesmo e ninguém pode se sentir obrigado por uma promessa feita apenas para si mesmo<sup>16</sup>”. Concebidas como faculdades políticas e que são exercidas de forma pública, o perdão se concretiza como possibilidade dos homens empreenderem novidades no mundo e a promessa como uma forma de se interligarem no tempo, sustentando um acordo anterior.

A faculdade de fazer promessas é, para Arendt, o preço que os homens têm de pagar pela liberdade. A imprevisibilidade da ação não pode deixar que os homens abandonem os negócios públicos, deixem de agir e de viver entre os homens. Para que isso seja possível, os homens devem estabelecer promessas como garantias aos outros que revelam o domínio de si e só podem ser feitas com base na confiança. O fato de os homens não saberem hoje quem serão amanhã - e, portanto, desconheçam as consequências de seus atos em comunidade - não podem permitir que se afastem dos negócios públicos ou que não assumam o ônus dessa liberdade. Desta forma, a faculdade de prometer “constitui a única alternativa a uma supremacia baseada na dominação do si mesmo e no governo dos outros; corresponde exatamente à existência de uma liberdade que foi dada em uma condição de não soberania”<sup>17</sup>.

Tais faculdades são imprescindíveis para que os homens possam continuar a agir e, desta forma, empreender novos começos. Para Arendt, a ação é uma lembrança de que, embora os homens tenham de morrer, eles nasceram para começar. Assim, a ação é a atividade humana que permite que a vida dos homens não esteja fadada a arrastar todas as coisas humanas à destruição. É ela que irrompe o processo cíclico biológico dos homens, entre a vida e a morte, e permite que sejam seres capazes de fazer milagres, isto é,

---

<sup>16</sup> ARENDT, *A Condição Humana*, p.296.

<sup>17</sup> ARENDT, *A Condição Humana*, p.304.



de empreender começos, fundações e determinar a trajetória do mundo. A ação, portanto, é que garante que ainda tenhamos esperança e fé nos homens. Sobre a ação, “só a plena experiência dessa capacidade pode conferir aos assuntos humanos fé e esperança, essas duas características essenciais da existência humana que os gregos antigos ignoraram por completo”<sup>18</sup>.

As faculdades de perdoar e prometer, para Arendt, apesar de serem remédios para as fragilidades da ação, não estão fora dela. Só podem ser realizadas a partir do amor pela esfera pública, ou ainda, pela vontade de compartilhar um espaço entre os homens por meio do discurso e da ação. Nietzsche (filósofo a quem a autora alemã se refere ao desenvolver o papel da promessa, como citaremos mais adiante) também via no próprio homem, em sua capacidade de ter domínio de si, a possibilidade de transforma-se em um animal capaz de fazer promessas e que estivesse, assim, pronto para partilhar da vida em sociedade. Este ponto de encontro entre os alemães pode ser justificado, antes, por outra coincidência no pensamento deles no que diz respeito à ação. Como Arendt, Nietzsche defende seu aspecto performático – ambos em resposta à teleologia da ação, sobretudo, platônica. “Todas as consequências longínquas não são previsíveis, e toda ação pode ser taxada igualmente como útil e como prejudicial”<sup>19</sup>. Se Arendt indica a imprevisibilidade que este caráter confere à ação, Nietzsche sustenta sobre as consequências niilistas deste aspecto. Por outro lado, ambos defendem a grandeza e imanente valor da ação, justamente por conta deste aspecto<sup>20</sup>. Desta forma, recorreremos ao pensamento de Nietzsche para se pensar a construção da responsabilidade pessoal a partir do par esquecimento-promessa.

### 3- Esquecimento e promessa como elementos na construção da responsabilidade pessoal

“Criar um animal que pode *fazer promessas* – não é esta a tarefa paradoxal que a natureza se impôs, com relação ao homem? Não é este o verdadeiro problema *do* homem?”<sup>21</sup>. É com esse desafio que Nietzsche abre a segunda dissertação de “Genealogia da Moral”, obra que o autor analisa com mais profundidade a relação entre esquecimento e promessa. Logo nesse início, Nietzsche apresenta a dificuldade em conciliar, no homem, sua capacidade de esquecimento e possibilidade de prometer (apresentando-as como

---

<sup>18</sup> ARENDT, *A Condição Humana*, p.308.

<sup>19</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, p.35 [25 (128)].

<sup>20</sup> VILLA, 1992, p.276.

<sup>21</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, p.43.

contraditórias), indicando que a primeira seria *naturalmente* inerente a ele, enquanto a capacidade de fazer promessas uma atividade que deveria ser cultivada. Inicialmente, o esquecimento é apresentado por Nietzsche por uma perspectiva positiva. “Fechar temporariamente as portas e janelas da consciência; permanecer imperturbado pelo barulho [...] para que novamente haja lugar para o novo”<sup>22</sup>. Assim como para Arendt, o esquecimento é o que abre portas para o novo. Mas, para o filósofo, esquecer é ainda uma espécie de saúde, pois é ele quem zela da ordem psíquica e da paz. Podemos lembrar aqui de Funes, o memorioso. Desprovido dessa faculdade de se esquecer, perdeu sua paz e, no conto, perdeu até mesmo sua vida.

Por outro lado, esse esquecimento deve ser suspenso nos casos em que se deve prometer. Para que esse homem fosse capaz de prometer admitindo, ao mesmo tempo, o esquecimento como força positiva, ele teve de aprender a distinguir acontecimentos naturais de necessários e, ainda, tornar-se confiável e constante. Foi a moralidade do costume e a camisa de força social que puderam dar constância e confiança a esse homem, pois por meio delas a memória de um povo pôde ser constituída. Sob penas e castigos foi possível manter na lembrança da humanidade as ideias de responsabilidade e obrigação. Nietzsche parte de uma perspectiva psicológica e individual do homem que levou à formação da responsabilidade, mas todo esse esforço (de submissão a penas e castigos para que pudesse ser capaz de prometer) tinha em vista os benefícios que a vida em sociedade proporcionaria ao indivíduo. “Com ajuda de tais imagens e procedimentos, termina-se por reter na memória cinco ou seis “não quero”, com relação aos quais se fez uma *promessa*, a fim de viver os benefícios da sociedade”<sup>23</sup>.

A capacidade de prometer, para Nietzsche, guarda um aspecto violento para que os homens se tornassem animais confiáveis e capazes de promessa. Já para Arendt, essa faculdade guardava um aspecto não-violento, pois os homens deveriam se reconhecer por meio de ações e discursos para que pudessem exercer tal faculdade. Ademais, se para Hannah Arendt a faculdade de prometer exigia fundamentalmente a necessidade de se realizar na esfera pública e era preciso que existisse um “nós” para que pudesse vir a ser<sup>24</sup>,

---

<sup>22</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, p.43.

<sup>23</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, p.47 (grifos do autor).

<sup>24</sup> Arendt se refere a Nietzsche em “A Condição Humana” ao desenvolver sua compreensão acerca da faculdade de promessas. Diz a autora: “Nietzsche, com sua extraordinária sensibilidade para os fenômenos morais - a despeito de seu moderno preconceito de enxergar a fonte de todo poder na vontade de poder do indivíduo isolado -, viu na faculdade de prometer (a “memória da vontade”, como ele a chamou) a

para Nietzsche, ainda que ela visasse os benefícios da vida em sociedade, tem como ponto de partida o homem em seu caráter individual, justamente pelo aristocratismo pelo qual o autor constrói a genealogia da moral. Um aristocratismo que confere ao homem uma superioridade justamente por não ter como referência o outro, mas tão somente a si. A ideia de responsabilidade, desta forma, nasce do poder do homem sobre si, capaz de fazer promessas, pois sabe que é forte o suficiente para manter sua palavra contra o que for adverso. Para Nietzsche, é isso o que caracteriza a consciência de poder e liberdade do homem. Assim, a responsabilidade advém de uma relação da promessa com o futuro, que só é exercida por aquele agente que tem capacidade de honrar essa promessa e, portanto, tem credibilidade frente aos outros homens. O soberano é aquele capaz de olhar para o outro a partir de si; o homem confiável que pode dar sua palavra.

O homem livre, o possuidor de uma duradoura e inquebrantável vontade, tem nesta posse a sua *medida de valor*: olhando para os outros a partir de si, ele honra ou despreza; e tão necessariamente quanto honra seus iguais, os fortes e confiáveis (os que *podem* prometer) – ou seja, todo aquele que promete como um soberano, de modo raro, com peso e lentidão, e que é avaro com sua confiança, que *distingue* quando confia, que dá sua palavra como algo seguro, porque sabe que é forte o bastante para mantê-la contra o que for adverso, mesmo “contra o destino<sup>25</sup>”.

O instinto dominante que possibilita ao homem fazer promessas e ter domínio de si e de sua palavra é a consciência. Um sentimento de obrigação pessoal que pressupõe que o homem tenha domínio de si e seja capaz de responder por seus atos e palavras, gerando sentimento de confiança capaz de enfrentar as adversidades que o futuro imporá.

O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da *responsabilidade*, a consciência dessa estranha liberdade, desse poder sobre si mesmo e sobre o destino, gravou-se nele até sua mais funda profundidade e se converteu em instinto dominante – como chamara ele esse instinto dominante, supondo que necessite de uma palavra para ele. Mas não há dúvida alguma: esse homem soberano domina sua *consciência moral*<sup>26</sup>.

A promessa, para Nietzsche, se caracteriza não só por essa capacidade de ir além dos instintos animais que conduzem a um constante esquecimento, mas também como uma vitória do esquecimento sobre a memória. Pois aquele que não tem capacidade de se

---

verdadeira diferença que distingue a vida humana da vida animal”, (CH, 2010, p.306). Aqui, há a diferença substancial da promessa para uma e outro pensador. Arendt enxerga essa “vontade de poder” entre *os homens* e não *no homem*. Todo poder, para ela, só pode se dar no espaço público *entre* os homens. Já a perspectiva de Nietzsche é individual, parte de um psicologismo e de uma perspectiva natural para desenvolver a necessidade de promessa.

<sup>25</sup> NIETZSCHE, *Genealogia da Moral*, p.45.

<sup>26</sup> GIACÓIA, 2001, p.110 (grifos do autor).

esquecer, é incapaz de fazer promessas. Preso ao passado, ele é incapaz de se abrir para o novo e estabelecer um compromisso com o futuro.

Esta promessa é, como em Arendt, feita em nome do passado. Ela é, como a memória da vontade, um meio para estabilizar e assegurar a continuidade do passado, do presente e do futuro contra as incertezas do futuro. O segundo tipo de promessa é exemplificado pela promessa da soberania individual (e sobre humana). Ele indica a “vitória” do esquecimento sobre a memória. Esta promessa é feita em nome do futuro. É um meio não apenas de se romper com o passado, mas também revolucionar o presente com vistas à vida futura que virá. Contra os perigos inerentes à política, onde o passado domina o futuro, a promessa acolhe o retorno do esquecimento animal como uma força que rompe a identidade entre passado, presente e futuro em nome da geração de vida livre e espontânea<sup>27</sup>.

Ao pensar a promessa como uma forma dos cidadãos se vincularem e garantirem ilhas de segurança para o porvir, ela tem mente o que os romanos entendiam por legislação, que se aproximava do que ela entendia por ação política. “O sentido original da palavra *lex* é relação ou ‘ligação íntima’, ou seja, algo que liga duas coisas ou dois parceiros reunidos por circunstâncias externas<sup>28</sup>”. Discordando dos gregos<sup>29</sup>, Arendt reivindica um sentido político para esta atividade por reconhecer nela a possibilidade de redenção da fragilidade da ação, expressa na imprevisibilidade, ao identificá-la como uma forma de promessa. Por meio de uma constituição, os homens estabelecem relações e acordos e sempre atualizam sua liberdade através destes tratos.

O homem incapaz de esquecer é aquele que quer para trás, que torna o poder de vontade impotente, gerando o ressentimento, sentimento que impede o homem de empreender ações. Por isso, o esquecimento é essencial para livrar o homem desse querer retroativo e fazer dele um agente confiável capaz de fazer promessas. Como uma capacidade de “digestão” das memórias, o esquecimento permite que o futuro se ligue ao presente, sem que esteja preso às correntes do passado, abrindo possibilidade para novos inícios. O esquecimento de Nietzsche equivale ao perdão de Arendt na medida em que indica a necessidade de abrir espaço para o novo e, também, para que os próprios corpos políticos não estejam fadados à instabilidade ameaçados pela vingança. O papel do perdão, assim, é libertar o agente de seus atos para que ele, como portador da novidade, tenha a possibilidade de se redimir. Ao desvincular o agente de seu ato, perdoa-se o ator e não seu malfeito o que desenrola em duas implicações. Em primeiro lugar, o ator não se

---

<sup>27</sup> LEMM, 2006, p.171 (tradução minha).

<sup>28</sup> LEMM, 2006, p.171.

<sup>29</sup> ARENDT, *O que é a liberdade*, p.198.

torna alvo da vingança, reação natural quando algo irreversível é provocado<sup>30</sup>. Em segundo lugar, não torna o perdão cúmplice do malfeito, pois quem é perdoado é o ato e não o agente. Desta forma, não há interdição à memória ou anistia jurídica, abrindo espaço para que atrocidades não sejam esquecidas.

O perdão é o remédio ativo não para a maldade, mas para a imprevisibilidade da ação humana, e está presente inclusive na falta de equivalência entre dano e pena, flagrante em todo sistema jurídico que rejeita a lei de talião. Ele representa a redenção necessária da liberdade humana. No domínio político, o perdão, que nunca é anistia no sentido da interdição à memória, alivia o agente do fardo das consequências da ação, em nome da possibilidade de que se possa engendrar mais uma vez o novo sem o qual a vida política fenece<sup>31</sup>.

## Conclusão

Admitir as contingências do mundo e que a excelência e as ações humanas são constituídas por fatores externos é fundamental para pensar o campo da ética e da política. Tão essencial é admitir a responsabilidade pessoal diante da fortuna e da ilimitabilidade das ações humanas. Para Arendt, redenção para as vicissitudes da ação, não encontra-se em uma força externa, mas tão somente na própria ação: no poder do homem de perdoar, de se desvencilhar do passado e desvincular agente do ato e na capacidade de fazer promessas, tornando o futuro menos inseguro e a convivência humana menos pavorosa. Também para Nietzsche, o homem capaz de esquecer e de fazer promessas se constitui a partir de um domínio de si próprio. Ele não nasce de uma força externa, mas do poder do homem sobre si, que se torna confiável e constante, pois sabe que é forte o suficiente para manter sua palavra contra as futuras adversidades.

Do ponto de vista arendtiano, constituir-se como um ser livre no mundo, capaz de empreender novos inícios, demanda redenções permanentes. Isto é, que os homens estejam sempre dispostos a atualizar promessas e a perdoar para que a política possa fruir. Apenas assim a ação, atividade humana política por excelência, estaria liberada de suas próprias vicissitudes. Da mesma forma, da perspectiva nietzschiana, o esquecimento e a promessa é que fazem do homem um ser constante e confiável, capaz de viver em sociedade. O constante esforço de domínio sobre si, sobre os instintos são atividades que nunca devem cessar para que o homem não se entregue ao ressentimento, à vingança. Para viver em sociedade, o preço a ser pago é a capacidade de fazer promessas e de

---

<sup>30</sup> ARENDT, *A Condição Humana*, p.300.

<sup>31</sup> CORREIA, 2011, p.69.

esquecer. O esforço humano diante da ilimitabilidade das ações humanas parece residir, assim, na capacidade em lidar com as contingências se desligando do que o mantém preso ao passado e se ligando ao futuro por meio de palavras que não são esquecidas.

### Referências:

ARENDT, Hannah. *A Condição Humana*. 11ª ed. Trad. Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

BORGES, Jorge Luis. “Funes, o memorioso”. In: *Prosa Completa*. Barcelona: Ed. Bruguera, 1979, vol.I, p.477-484.

CORREIA, Adriano. “Sobre o trágico na ação: Arendt (e Nietzsche)”. In: *O que nos faz pensar*. (PUCRJ), v. 29, 2011, p.59-74.

VILLA, Dana. “Beyond Good and Evil: Arendt, Nietzsche, and the aestheticization of Political Action”. In: *Political Theory*. Sage Publications, 1992, p. 274-308.

GIACOIA JR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Ed. Unisinos. 2001.

KANT, Immanuel. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.

LEMM, Vanessa. “Memory and promise in Arendt and Nietzsche”. In: *Revista de Ciência Política*. Universidad Diego Portales: Santiago, vol.XXVI, n.2, 2006, p. 161-173.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NUSSBAUM, M. C. *A Fragilidade da bondade*. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Recebido em: 07/04/2015

Aceito em: 27/07/2015